

O CONCEITO DE FELICIDADE NA FILOSOFIA: APROXIMAÇÕES ENTRE BOÉCIO, ARISTÓTELES, EPICURO E SÊNECA

OLIVEIRA, Osmar Nascimento de (PPE/UEM)

OLIVEIRA, Terezinha (DFE/PPE/GTSEAM/UEM)

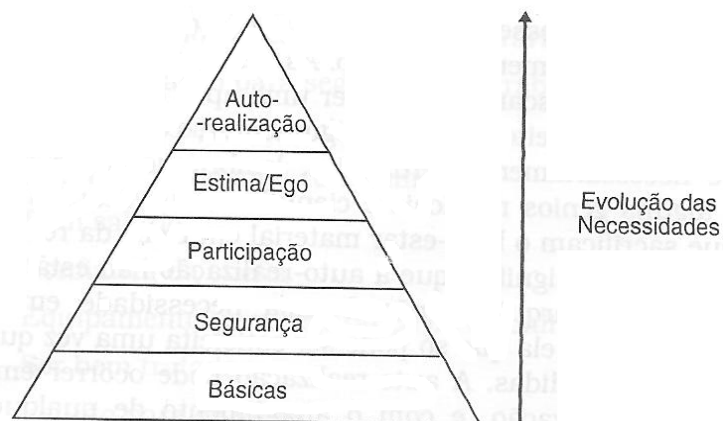
Introdução

Este estudo tem a finalidade de investigar o conceito de felicidade presente nas obras dos filósofos Boécio, Aristóteles, Epicuro e Sêneca, entre outros, a fim de analisar sua compreensão sobre a temática e verificar as possíveis aproximações entre esses autores. Nossa análise tem como ponto de partida a relação que se faz entre a felicidade e o consumo ou a satisfação das necessidades na contemporaneidade, comparando-a posteriormente à concepção propalada por aqueles filósofos a fim de verificar e compreender o que tais autores admitem como felicidade.

O texto divide-se em três momentos: na introdução apresentamos a problemática que originou esta análise, posteriormente apresenta o conceito postulado por cada um desses autores e, por fim, concluímos que o ponto em comum entre estes autores sobre a temática é a relação entre a felicidade e o conhecimento, ou a filosofia.

A felicidade é uma temática que já foi muito estudada ao longo da história pelos mais diversos autores e sob diferentes abordagens (social, religiosa, filosófica, psicológica, etc.). Apesar disso, não há um consenso sobre o que seria felicidade. Nosso interesse em discutir esse tema é fruto de inquietações a respeito desta falta de consenso.

É muito sedutora a ideia de felicidade associada ao dinheiro, ao consumo ou à satisfação de necessidades. MASLOW (apud MAXIMIANO, 1995) acredita que as necessidades humanas organizam-se em uma espécie de hierarquia. Segundo este autor as necessidades dividem-se em cinco categorias e seguem uma ordem de importância, de acordo com a figura abaixo:



A hierarquia das necessidades segundo Maslow (MAXIMIANO, 1995, p. 321).

As necessidades de uma categoria precisam ser atendidas, antes que uma necessidade de uma categoria posterior represente uma preocupação. Depois de satisfeita, tal necessidade deixa de incomodar, e a pessoa é motivada pelas necessidades de categoria mais elevada. As primeiras necessidades, as que estão na base da pirâmide, são as fisiológicas ou básicas, tem maior prioridade para as pessoas, são as primeiras a serem satisfeitas, compreendem abrigo, alimentação, vestuário, sexo, conforto. Em seguida aparecem as necessidades de segurança (proteção, ordem); participação (amizade, amor, inter-relacionamento humano); Estima/ego (status, ambição); e finalmente a necessidade de auto-realização (crescimento pessoal, autonomia, sucesso pessoal).

Na obra, *A Ideologia Alemã*, a forma como Marx e Engels analisam a história nos possibilita entender que nela estão compreendidos os fatos históricos propriamente ditos, as tensões presentes em seu desenvolvimento, a influência dos interesses sociais na produção da história e a influência do momento histórico na constituição do homem. A questão da satisfação das necessidades, para estes autores, representa o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história, isto é, *os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história*.

Para Marx e Engels, o primeiro *fato* histórico compreende a *satisfação das necessidades*. Estas, depois de satisfeitas, dão origem à *produção de novas necessidades* que, segundo os autores, representam o primeiro *ato* histórico.

Com relação aos alemães, que supõem estar situados à margem de qualquer pressuposto, somos obrigados a lembrar que o primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história, é

que todos os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da vida material, e de fato esse é um ato histórico, uma exigência fundamental de toda a história, que tanto hoje como há milênios deve ser cumprido cotidianamente e a toda hora, para manter os homens com vida. O segundo ponto é que, satisfeita essa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e a produção das novas necessidades é o primeiro ato histórico. A terceira relação que intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que cotidianamente renovam sua vida, passam a criar outros homens, a se reproduzir: é a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família. (MARX; ENGELS, 2011, p. 53-54, grifos nossos).

Se a ideia de felicidade estiver relacionada à satisfação de necessidades, de acordo com o exposto, é um estado inatingível, pois segundo os autores, ao saciar uma necessidade, outra(s) toma(m) seu lugar, tornando a sensação de satisfação efêmera, passageira. Nesse sentido, apesar da sensação de bem estar que o atendimento de uma necessidade possa causar, não se pode considerá-la felicidade.

O contato com autores clássicos da filosofia nos permite refletir sobre o que é a felicidade. Contudo, o triste fim da vida de alguns desses filósofos nos faz pensar se eles realmente a alcançaram. Sócrates foi condenado à morte por envenenamento, Boécio foi preso e executado, Sêneca cortou os próprios pulsos. Outros pensadores, que também se debruçaram sobre a filosofia e sobre a história, sofreram flagelos. Dante Alighieri foi exilado de Florença, Marx foi expulso de diversos países, Marc Bloch, executado. Considerando tais questões, como acreditar que a felicidade está relacionada à filosofia? Vejamos um truque de mágica:

[...] um coelho branco é tirado de dentro de uma cartola. E porque se trata de um coelho muito grande, este truque leva bilhões de anos para acontecer. Todas as crianças nascem bem na ponta dos finos pelos do coelho. Por isso elas conseguem se encantar com a impossibilidade do número de mágica a que assistem. Mas conforme vão envelhecendo, elas vão se arrastando cada vez mais para o interior da pelagem do coelho. E ficam por lá. Lá embaixo é tão confortável que elas não ousam mais subir até a ponta dos finos pelos, lá em cima. Só os filósofos têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência. Alguns deles não chegam a concluí-la, mas outros se agarram com força aos pelos do coelho e berram para as pessoas que estão lá embaixo, no conforto da pelagem, enchendo a barriga de comida e bebida (GAARDER, 1995, p. 31).

Gaarder (1995), autor do romance da história da filosofia, mais conhecido como *O Mundo de Sofia*, deixa explícito que as pessoas tendem a resistir ao conhecimento e conseqüentemente à felicidade. A ilusão dos prazeres torna-se mais facilmente aceitável que o árduo caminho do conhecimento, capaz de, nesta perspectiva, permitir uma vida feliz. Platão também fazia o mesmo alerta em sua alegoria da caverna:

E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria se pudesse fazê-lo? (PLATÃO, 2004, p. 228).

A nosso ver, essas alegorias expressam o cerne de nossa investigação. A ideia sedutora da relação entre felicidade e satisfação das necessidades representa nas histórias a base dos pelos do coelho ou ainda o fundo sombrio da caverna. Nossa proposta é aceitar o desafio dos filósofos, nos libertar da escuridão do fundo da caverna, deixar o conforto da base dos pelos do grande coelho e auxiliado pelos clássicos, pensar (ainda que seja um processo doloroso) o que entendem por felicidade e porque esta se distingue do prazer, do consumo e da satisfação de necessidades.

O conceito de felicidade para Boécio, Aristóteles, Epicuro e Sêneca.

Em oposição à ideia de felicidade relacionada à satisfação das necessidades, Boécio (480-524) pontua o que não é felicidade, e demonstra como essa falsa noção pode desviar o homem do caminho do bem supremo, que de acordo com ele, identifica-se ao conceito investigado. A nosso ver, o autor pretende explicitar o que não é felicidade, para que os homens ao tentar buscá-la em fatores que não podem proporcioná-la, identifiquem essa impossibilidade e não se percam nessas falsas noções.

De acordo com Fumaroli (1998), Boécio foi um aristocrata romano, possuía bens, tinha influência política, era dono de uma ampla cultura que o tornou muito conhecido como o último romano, isto é, o último homem que ainda guardava o conhecimento e o modo de vida da aristocracia romana. Acusado de traição ao imperador Teodorico, foi condenado, preso, torturado e executado. No período entre a

prisão e a morte, privado de seus bens e de sua biblioteca, escreveu em precárias condições sua obra mais conhecida *A consolação da filosofia*. Nela, o autor busca na filosofia os meios para enfrentar o castigo que lhe foi imposto injustamente. Personagem de sua própria obra, Boécio recebe em sonho a visita da Filosofia na prisão, que o conduz para o que considera ser a verdadeira felicidade. Segue parte do diálogo entre Boécio e a Filosofia:

[...] já que declaras desejar ouvir-me mais, como ficarias impaciente se soubesses para onde estou te conduzindo!’ ‘E para onde?’, perguntei. Ela respondeu: ‘Para a verdadeira felicidade, a felicidade que teu coração vê em sonhos, mas que não podes contemplar tal como ela é porque tua vista se desvia para as aparências.’ ‘Aí eu disse: ‘Ah, sim! Eu te suplico! Mostra-me sem demora o que é a verdadeira felicidade!’ E ela: ‘De bom grado farei o que me pedes, mas primeiramente tentarei definir com palavras e delimitar um tema para reflexão do que te é mais familiar no conceito de felicidade a fim de que, quando o tiveres examinado bem, voltes os olhos para a direção oposta e reconheças a verdadeira imagem da felicidade.’ (BOÉCIO, 1998, p. 53).

Dessa forma o autor, por meio da personagem Filosofia, passa a discorrer sobre a felicidade, assim como sobre o que não faz parte deste conceito, para que se possam superar concepções equivocadas. Boécio acredita que a felicidade é buscada por todos os homens, por diversos caminhos, sem medir esforços. Ele a define assim:

Ora, trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. E é realmente o bem supremo, que contém em si mesmo todos os bens: se apenas um lhe faltasse, ele não poderia ser o bem supremo, pois fora dele haveria algo ainda a ser desejado. É claro, portanto, que a felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens. É para aí, como dissemos anteriormente, que todos os mortais se dirigem pelos mais diversos caminhos (BOÉCIO, 1998, p. 55).

A nosso ver, o autor não deixa dúvidas ao afirmar que o conceito de felicidade não está relacionado à satisfação de necessidades: “trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo” (BOÉCIO, 1998, p. 55). Conforme evidenciado por MASLOW (apud MAXIMIANO, 1995), as necessidades humanas são ilimitadas. Ao se satisfazer uma, outra surge para alimentar os desejos do homem. Portanto, segundo Boécio, o alimentar-se, vestir-se, possuir uma habitação, ou ainda

riquezas, mesmo o poder, a glória ou o prazer, não são sinônimos de felicidade. O autor continua:

Com efeito todos os homens têm em si o desejo inato do bem verdadeiro, mas os erros de sua ignorância desviam-nos para falsos bens. Alguns homens, acreditando que o bem supremo consiste em não lhes faltar nada, trabalham sem cessar para amealhar riquezas; outros, acreditando que o bem supremo consiste em serem tidos em alta conta pelos concidadãos, esforçam-se por se fazer respeitar por todos ocupando cargos honoríficos. Outros há que estão persuadidos de que o supremo bem reside no poder supremo; assim, desejam o poder para si ou tentam se imiscuir na corte dos governantes. Quanto àqueles que acreditam não haver nada melhor que a celebridade, tratam de tornar seu nome glorioso na paz ou na guerra. Contudo, a maioria acredita ter obtido o soberano bem quando estão alegres e contentes: a seus olhos a suprema felicidade consiste em se embriagar no prazer (BOÉCIO, 1998, p. 55).

Portanto, o autor entende que a felicidade é algo completo e isento de perturbações, evidenciando a inconstância e as perturbações inerentes aos bens ora cedidos ora tomados pela Roda da Fortuna. Assim, o autor descarta a relação entre felicidade e prazer, e a equipara ao sumo bem, a Deus, condição de completude e perfeição.

Verificamos que existe muita proximidade entre o pensamento de Boécio e Aristóteles. Para este:

A julgar pela vida que os homens levam, estes, em sua maioria e os mais vulgares entre eles, parecem (não sem um certo fundamento) identificar o bem ou a felicidade com o prazer, e por isso amam a vida agradável. [...] A grande maioria dos homens se assemelha a escravos, preferindo uma vida comparável à dos animais, contudo encontram certa justificação para pensar assim no fato de muitas pessoas altamente colocadas compartilharem os gostos de Sardanapalo. Um exame dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de maior refinamento e de índole mais elevada identificam a felicidade com a honra, pois a honra é, pode-se dizer, o objetivo da vida política. Todavia, isso parece ser demasiadamente superficial para ser o que buscamos, visto que a honra depende mais de quem a concede que de quem a recebe, ao passo que nos parece que o bem é algo próprio de um homem e que dificilmente lhe poderia ser tirado. (ARISTOTELES, 2001, p. 17).

Há uma convergência entre o pensamento dos autores ao considerar equivocada a relação que a maioria dos homens faz entre felicidade e prazer. Ambos concordam que a

felicidade é algo absoluto e autossuficiente. Para Aristóteles (2001, p. 25) uma ideia que se identifica com seu pensamento “é a de que o homem feliz vive bem e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação”.

Definimos a auto-suficiência como aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável por não ser carente de nada. E é desse modo que entendemos a felicidade; além disso, a consideramos a mais desejável de todas as coisas, e não como um bem entre outros, pois, em caso contrário, é evidente que ela se tornaria mais desejável mediante a adição até do menor bem que fosse, uma vez que desta adição resultaria um bem maior, e quando se trata de bens, é sempre mais desejável o maior. Assim, a felicidade é algo absoluto e auto-suficiente, e a finalidade da ação. (ARISTÓTELES, 2001, p. 22).

Aristóteles, desse modo, entende que a busca da felicidade deve ter como fundamento a virtude. Para ele, o que a constitui são as atividades virtuosas. Os vícios nos conduzem na direção oposta. O autor de *Ética a Nicômaco*, contudo, compreende que os bens exteriores contribuem para a felicidade. Vejamos:

Porém, como dissemos, a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios. Em muitas ações usamos como instrumento os amigos, a riqueza e o poder político; e há coisas cuja ausência empana a felicidade – como a estirpe, a boa descendência, a beleza. De fato, o homem de muito má aparência, ou mal nascido, ou solitário e sem filhos, não tem muitas probabilidades de ser feliz, e tê-las-ia ainda menos se seus filhos ou amigos fossem extremamente maus, ou se a morte lhe houvesse roubado bons filhos ou bons amigos. Como dissemos, pois, o homem feliz parece necessitar também desse tipo de prosperidade, e é por isso que algumas pessoas identificam a felicidade com a boa fortuna, embora outros a identifiquem com a virtude. (ARISTÓTELES, 2001, p. 26).

Considerando que a definição de Aristóteles para felicidade está relacionada à atividade da alma conforme a virtude, aliada aos meios necessários para facilitar esta perspectiva (que não devem ser tomados como principal finalidade), o homem deve procurar a virtude, seja por meio da aprendizagem ou do hábito, para que possa encontrar a felicidade.

O atributo em apreço, portanto, pertencerá ao homem feliz, que o será por toda a vida, pois estará sempre, ou quase sempre, empenhado na ação ou na contemplação do que é conforme a virtude, e suportará as vicissitudes da vida com a maior nobreza e decoro, se é

‘verdadeiramente bom’ e ‘irrepreensivelmente tetragonal’. Muitas coisas acontecem por acaso, e diferem quanto à importância; embora os pequenos incidentes felizes ou infelizes não pesem muito na balança, uma grande e frequente quantidade de sucessos tornará nossa vida mais feliz, não apenas porque isso, por sua própria natureza, faz aumentar a beleza da vida, mas também porque pode ser usado de maneira nobre e boa; ao contrário, muitos e constantes revezes poderão aniquilar e mutilar a felicidade, pois além de serem acompanhados de dor, impedem muitas atividades. No entanto, mesmo na adversidade a nobreza de um homem se deixa mostrar, quando aceita com resignação muitos e grandes infortúnios, não por ser insensível à dor, mas por nobreza e grandeza de alma. (ARISTÓTELES, 2001, p. 29-30).

Esta passagem de Aristóteles, apesar de longa, nos remete a uma questão apresentada anteriormente a respeito da morte horrível de alguns pensadores e se eles teriam se aproximado deste conceito de felicidade. A atitude serena dos filósofos Sócrates, Sêneca e Boécio, entre outros, ao enfrentar a morte, nos faz pensar que sim. Esta busca pela felicidade, seja por meio do conhecimento filosófico/teológico ou por meio da virtude é algo possível.

Epicuro, filósofo grego nascido em 341 a. C. também compartilha a ideia de felicidade relacionada à filosofia. Em sua obra *Carta sobre a felicidade*, o filósofo escreve a Meneceu, seu discípulo, para tratar dessa relação. O autor inicia sua obra exortando a filosofia:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. Prática e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz. (EPICURO, 2002, p. 21-23).

Neste excerto, Epicuro orienta seu discípulo a seguir seus ensinamentos, além de afirmar a necessidade de se cultivar a filosofia desde a mais tenra idade até o fim da vida. Dentre estas lições, destacam-se o vencer o medo da morte e a necessidade de

controlar as várias modalidades de desejo para que se possa alcançar tanto a saúde do corpo quanto a tranquilidade do espírito. Assim, o autor recomenda uma conduta moderada em relação aos prazeres, afirmando a superioridade da qualidade em relação à quantidade. Epicuro salienta ainda que o homem não deve confiar cegamente na sorte ou no destino, deixando transparecer sua crença na vontade e na liberdade do homem. De acordo com Epicuro, a prática de seus ensinamentos possibilita ao homem o encontro com a felicidade. Segundo Lorencini e Del Carratore (2002):

A presente *Carta sobre a felicidade*, para além de sua significação intrínseca, não deixa de ser um documento absolutamente decisivo pra desfazer aquele equívoco que uma tradição apressada costuma associar à doutrina epicurista, quase sempre confundida com o gozo imoderado dos prazeres mundanos, como se não se distinguisse do hedonismo puro e simples. Além das explícitas menções ao contrário, que o próprio texto da carta não deixa de registrar, são inúmeros os testemunhos fidedignos atestando que, no célebre 'Jardim de Epicuro', vicejava uma autêntica comunidade, onde mestre e discípulos viviam de maneira quase ascética, consumindo apenas as hortaliças que eles próprios cultivavam, às quais acrescentavam apenas pão e água, ou ainda queijo em ocasiões especiais. (LORENCINI e DEL CARRATORE, 2002, p. 9-10).

A carta de Epicuro, portanto, se entrelaça às obras de Boécio e Aristóteles no sentido de privilegiar a filosofia como caminho para a felicidade, assim como responde à questão do enfrentamento da morte de forma tranquila pelos filósofos. Segundo Epicuro (2002, p. 29) “o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quanto a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada”.

A morte, portanto, não deve ser uma preocupação, mas a vida sim. E tempo da vida transcorre de maneira rápida, ou breve como postulado por Sêneca. Para este autor, em conformidade com os demais, o homem deve dedicar sua vida ao estudo da filosofia, e evitar dedicar-se exclusivamente à bebida, à gula, aos prazeres sensuais, à glória, etc. Dessa forma, poderá tornar sua vida feliz. Segundo Sêneca:

Podemos afirmar que se dedicam a verdadeiros deveres, somente aqueles que desejam estar cotidianamente na intimidade de Zenão, Pitágoras, Demócrito, Aristóteles, Teofrasto e os demais mestres da virtude. Nenhum deles deixará de estar à nossa disposição, nenhum despedirá o que o procurar, sem que o faça mais feliz e mais devotado

a ele, nenhum permitirá a quem quer que seja partir de mãos vazias; e eles podem ser encontrados por qualquer homem, tanto durante o dia como à noite. Nenhum destes forçará tua morte, todos te ensinarão a morrer, nenhum dissipará teus anos, mas te oferecerá os seus. Nunca a conversação com eles será perigosa, fatal à amizade ou onerosa a deferência. Conseguirás deles tudo o que quiseres: não será deles a culpa se não tiveres exaurido tudo o que desejas. Que felicidade, que bela velhice não aguarda o que se dispôs a ser seu cliente! (Sêneca, 2006, p. 45).

Nesse sentido, Sêneca corrobora as ideias defendidas por Boécio, Aristóteles e Epicuro. Considera a brevidade da vida relacionada ao seu desperdício em atividades inúteis como a embriaguez, a paixão pela guerra, a busca da beleza, prazeres contínuos, entre outros. Para Sêneca (2006, p. 44) a vida é aproveitada apenas por aqueles que “estão disponíveis para a sabedoria; eles são os únicos a viver, pois, não apenas administram bem sua vida, mas acrescentam-lhe toda a eternidade. Todos os anos que se passaram antes deles são somados aos seus”.

Conclusão

A leitura das obras dos autores relacionados neste estudo nos permite entender que o ponto que os aproxima é o conceito de felicidade intimamente relacionado ao conhecimento, à filosofia. Outra questão comum gira em torno do desvelamento da ideia equivocada de que bens materiais, consumo e satisfação de necessidades sejam sinônimos de felicidade, ainda que Aristóteles considere importante a sua contribuição para atingi-la.

Nesse sentido, entendemos que a filosofia existe para que o homem possa viver melhor e humanizar-se. Por meio dela é possível aprender a aliviar sofrimentos, a enfrentar melhor os problemas e aflições, inclusive a morte. Com a filosofia podemos nos engajar na busca pela felicidade, Boécio, Aristóteles, Epicuro e Sêneca afiançam essa possibilidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. Tradução de Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FUMAROLI, Marc. Prefácio. In: BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. Tradução de Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*: romance da história da filosofia. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LORENCINI, Álvaro; DEL CARRATORE, Enzo. Apresentação. In: EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2011.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. *Introdução à administração*. São Paulo: Atlas, 1995.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. São Paulo: L&M Pocket Plus, 2006.